**ENTRE PESQUISAS DE IC, MESTRADO E DOUTORAMENTO COM CRIANÇAS DITAS COM DEFICIÊNCIA: ENCONTROS DIARIADOS E CONVERSAS**

Arina Costa Martins Cardoso - UERJ[[1]](#footnote-1)

Patrícia da Silva Rocha - UERJ[[2]](#footnote-2)

Luísa Freitas dos Anjos – UERJ[[3]](#footnote-3)

Orientadora: Anelice Ribetto[[4]](#footnote-4)

Resumo

Este trabalho se propõe a discutir e afirmar como pesquisas articuladas no contexto de um Coletivo de forças possibilitam uma prática outra no encontro com crianças ditas com deficiência na educação infantil de uma escola pública do município de Niterói-RJ. A partir das contribuições de Deleuze e Guattari (1995) e Passos, Kastrup e Escóssia (2009) na tentativa de um exercício cartográfico e do “estar juntos na educação” (Skliar, 2009), compreendemos que o campo da educação especial na perspectiva da educação inclusiva é a interseção ao redor da qual tecemos nossas práticas, vivências e pesquisas. Da mesma forma, o diário foi o dispositivo escolhido para possibilitar a escrita e o agenciamento das nossas pesquisas.

**Palavras Chaves:** Cartografia. Diário. Educação Inclusiva.

**Coletivo de forças**

Escrevemos entre amigas em um coletivo de forças: o Coletivo Diferenças e Alteridade na Educação coordenado pela prof Dra Anelice Ribetto no Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Compondo relações de amizade. Um coletivo que se afeta, torce e retorce... é que só é possível diferir *entre,* em uma relação de amizade, isso “é próprio dos amigos” (Passetti, 2015, p. 81). A amizade tomada aqui como relação de alteridade, como a relação que suporta a diferença e como abertura (Larrosa, 2017).

Em nosso Coletivo, temos experimentado cartografar nossas *pesquisasescritas*. Apostamos na pesquisa como um rizoma, uma produção que se faz em rede (Deleuze e Guattari, 2011) em uma relação que se produz de forma horizontal, com múltiplas conexões na intensidade do presente vivido. Cartografar é acompanhar processos. Processos que se tecem no campo de pesquisa, em um território desconhecido. Cartografar é também habitar esse território desconhecido (Passos, Kastrup; Escóssia, 2009). No momento em que o cartógrafo chega ao campo, já há um processo em curso…

...É um começo pelo meio…

Pelo meio, três amigas se encontram e se atravessam.

**Três personagens que se atravessam**

1º personagem: A professoraarteira:

Se lhe perguntassem qual seu trabalho ela responderia:

– Sentar no chão.

– Sentar no chão?

– Sim.

– Mas é arriscado, o chão é perigoso.

– Mas só dá para brincar assim. É a altura da relação.

Na saída, os pais entram pelos corredores da escola para buscar as crianças. A mãe de T.Z chega. T.Z. resiste. A professor*arteira* o toma pela mão e caminha com ele alguns passos, abaixa e lhe dá um genuíno abraço de despedida. T.Z. enrijece e, antes que qualquer um pudesse antecipar, dá um tapa no rosto da professor*arteira.*

Por um segundo, tudo para! Em *kanon,* todos olham assustados. T.Z. paralisa. Seus olhos arregalados fitando a professora.

A mãe é a primeira a reagir: seu rosto enrubesce, repreende T.Z., grita, pede desculpas, foge, enfia o filho dentro do útero e tenta justificar:

– “Desculpa, desculpa professora, meu filho é violento. Foi o que me disseram na outra escola. É preciso ter cuidado, mas ele às vezes não se controla e, e a gente precisou sair de lá.. e-e-eu não sei, não sei mais......”.

A professor*arteira* enfim reage:

–Violento? Não! Ele não é violento. (a professora respira e explica). Essa é a forma como ele sabe falar, ele está nos dizendo algo, mas a gente ainda não entende. Mas, aos poucos, vamos forjando nossos modos de conversar.

A professor*arteira* toma a mão de T.Z. entre as suas, leva-a até seu rosto novamente e a move como num carinho.

– Suas mãos são lindas e elas podem fazer carinho... isso, assim...

Os olhos sorriem.

(Diários rabiscados, 4 de maio de, 2023)

 A professorarteira poderia ser como eu ou você, mas está mais *entre nós,* como uma amiga. Amizade como possibilidade de produzir pensamento (Deleuze e Guattari, 1992), não como uma relação harmônica e livre de abalos, mas uma relação de alteridade que possibilita a afetação.

Inclusão. Há tantas coisas dentro dessa palavra... “A inclusão ‘é’, ao fim e ao cabo, o que fizermos dela, o que fizermos **com** ela. Não ‘é’ em si mesma, nem por si mesma, nem a partir de si mesma, e nem mesmo por própria definição.” (Skliar, 2015, p.5). Skliar propõe pensar a inclusão de outro modo, como um “estar juntos”. Afirma o *estar juntos* como ponto de partida para fazer coisas juntos. Estar juntos:

“es estar en el afecto, es afectar y ser afectado; supone sobre todo la dificultad en pensar una conversación al interior de las escuelas que, como tal, nos plantea dudas, titubeos, controversias, malestares, una especie de choque entre lo común y lo singular, la normalidad y lo otro. En fin, ‘estar juntos’ es un punto de partida para ‘hacer cosas juntos’, lo que no supone las mismas acciones, ni una identidad o consenso entre puntos de vista, ni equivalencia en sus efectos pedagógicos.” (Skliar, 2017, p. 76).

Qual a altura do estar juntos?

A professor*arteira* responderia:

‘– Sentada no chão, dançando com as mãos’...

Mas, há riscos. A altura da relação carrega muitos perigos. Estar juntos não é tranquilo e confortável, é "un embate de lo inesperado sobre lo esperado, de la fricción sobre la quietud, la existencia del otro en la presencia del uno" (Skliar, 2010, p.105).

Pensamos que *estar juntos* não pode ser outra coisa que não seja um gesto, um primeiro gesto. Podemos, quem sabe, talvez, entre amigas, ir tecendo pequenos gestos e por eles ir produzindo *o junto* que queremos. Talvez *sentar no chão* seja um desses gestos.

2ª Personagem: A professoravelhanova:

A velha professora caminhava para a escola conversando com seus botões… Preciso olhar a ficha das crianças. Saber um pouquinho de cada uma. Será que tem alguma criança com diagnóstico? Se tiver vou dar uma olhadinha na internet, vou pesquisar, vou me organizar, me preparar…

A nova professora caminha para a escola conversando com seus botões… Será que vou ficar com a turma que era da B.? Tomara que tenha entrado mais alguma criança. Saudade da turminha do ano passado! Que sol lindo! Será que as meninas topam um banho de mangueira?!

(Diariando um dia muito distante e outro não tão distante)

 A professoravelhanova não é velha, nem nova, tem duas idades, enquanto uma faz o diário e o planejamento, a outra se encanta, canta e torce para que alguém traga uma novidade e ela possa adiar o que havia planejado. A velha professora achava que precisava “estar preparada” para incluir uma criança dita com deficiência, porém não sabia “o que era” e “como” fazer isso. Aprendeu com a nova professora que não é possível “estar preparada” porque cada criança é uma, e é impossível saber o que vai acontecer. Sobre essa impossibilidade, Skliar (2015, p.22) coloca que: “Devemos enfatizar a ideia de que mais que estar preparados (antecipados para o que virá para o que nunca saberemos o que de fato será) trata-se de estar disponíveis e de ser responsáveis”. O autor coloca que disponibilidade e responsabilidade são atitudes éticas, que estar disponível significa receber qualquer um e qualquer condição “estar aberto, a existência dos outros” (Skliar, 2015, p.22).

A professoravelhanova compreendeu que para incluir crianças ditas com deficiência é preciso estar disponível à possibilidade de viver uma experiência. De acordo com Larrosa (2002 p.21) “experiência é o que nos passa, nos acontece e nos toca”. Para viver a experiência de estar junto com uma criança dita com deficiência é necessário estar predisposto ao novo, entregue ao encontro com o outro, um outro que não é um reflexo, não segue um modelo é simplesmente outro.

3ª personagem: A quaseprofessora

A sensação é, frequentemente, a de estar num espaço-estado de limbo. Na margem limítrofe entre ser estudante e ser professora. Pergunto-me: *mas a professora deixa de ser estudante?* toda vez que vejo uma criança vestida de uniforme subvertendo as expectativas e trazendo *algo diferente* para a escola. Algo que nos ensina tantas coisas mais. Essa sensação me atravessa de diversas formas e me faz questionar o que me cabe enquanto professora em formação, enquanto *quase* professora. Tenho um limite de acesso a algumas questões normativas e burocráticas da escola, mas as crianças igualmente me chamam de “tia”, chegam até mim perguntando as mesmas coisas que perguntam às professoras, conversam comigo como se eu fosse uma delas, pois ali nos encontramos *estando juntos*.

Na sala de aula, na sala de recursos multifuncionais, no parque da escola, estamos juntos tecendo nossas pesquisas na cartografia, na educação inclusiva, no Coletivo… Então percebo que é no *encontro* e no *estar juntos* que tudo faz sentido.

(Diário de Iniciação Científica, 11/10/2023)

A quase professora é sempre muito comedida, cautelosa: observa mais do que faz, pelo receio de ultrapassar limites. Limites definidos por quem, quando e para quem? Resposta difícil de formular e proferir. Esses muitos nomes - estagiária, professora em formação, aprendiz - às vezes dificultam o que é e o que não é para ela. A busca pelo campo da educação inclusiva se deu a partir do incômodo de não encontrá-la na base de muitas práticas docentes que estaria inicialmente se formando para seguir. Nas leituras do Coletivo, encontrou, assim como as colegas professoras, o diário de pesquisa como um dispositivo potente para possibilitar a escrita e o registro das experiências e dos encontros.

Diz Deleuze (1996) que “pertencemos a dispositivos e nele agimos”. Mas o que viria a ser o dispositivo? No mesmo texto, o autor explicita que o dispositivo:

É antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como objeto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direcção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações. [...] Desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas [...]. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas; estas não se detêm apenas na composição de um dispositivo, mas atravessam-no, conduzem-no, do norte ao sul, de leste a oeste, em diagonal. (Deleuze, 1996, n.p.)

Os dispositivos fazem parte do exercício cartográfico, a partir deles é possível seguir qualquer direção, reverberando cada acontecimento e atravessamento. Para possibilitar o agenciamento de três pesquisas, de três personagens que se encontram na escola e num coletivo de forças, vem sendo utilizado o diário de pesquisa. Diário esse que se forja como algo além do íntimo e confessional, mas como um dispositivo capaz de acolher os movimentos, registrar os encontros experienciados, de possibilitar o retorno ao que foi escrito e assim atualizá-lo sem perder a resistência de antes. Sobre o uso dos diários em pesquisa, afirmam Paulon e Romagnoli (2010):

O campo atravessa e é atravessado pelo diário, cuja construção produz linhas que se encontram por outros movimentos, diferentes das sequências rigidamente planejadas e do controle, dito imparcial, cronologicamente regrado pelos modos clássicos de pesquisar. A composição entre os acontecimentos se dá pela variação, por arbitrariedade, pelo que foge ao texto e às páginas, e pelo que resiste aos passos determinados e ao tempo linear cronológico. (Paulon & Romagnoli, 2010)

**Breves Considerações**

Partindo do atravessamento entre as forças de um coletivo, da pesquisa cartográfica, do diário como pesquisa e da prática na educação especial na perspectiva da educação inclusiva, se enredam as linhas que tecem e viabilizam a escrita de nosso trabalho.

Trata-se de pesquisas ainda em andamento, em seus encontros e desencontros entre estudantes e entre amigas e colegas na educação. Tendo como forte aposta a inclusão como um *estar juntos* para produzir coisas juntos, não necessariamente coisas grandes e inovadoras, mas pequenas coisas, pequenos gestos que toquem o viver e possam produzir uma vida livre e bela (Foucault, 1995). Aos poucos vamos visualizando, de forma gradual e em constante expansão, como a articulação de dentro de um coletivo possibilita uma prática outra na escola, desvelando velhas certezas e práticas salvacionistas produzindo o juntos no qual acreditamos no encontro responsável com o outro. Nesse contexto, os resultados, tomados aqui como efeitos dos encontros, são passíveis de atualização e renovação a partir do que nos propomos a fazer juntos no dia a dia da escola.

**Referências**

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. São Paulo: editora 34, 2011. 2ª edição.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Ed. Vega – Passagens. Lisboa; tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro; 1996.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Trad. Vera Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PASSETTI, Edson. Diferir. *In:* FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; Maraschin, C. **Pesquisar na diferença**. Sulina. Porto Alegre, 2015.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L da (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, Sulina, 2009.

PAULON; S. M; ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. In: **Estudos e pesquisas em Psicologia**, ano 10, n. 08, p. 85-102, 2010.

SKLIAR, Carlos. Incluir as diferenças? Sobre um problema mal formulado e uma realidade insuportável. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 13-28, 2015.

SKLIAR, Carlos. Los sentidos implicados en el estar-juntos de la educación. **Revista Educación y Pedagogía**, v. 22, núm. 56, enero-abril, 2010.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogias de las diferencias: notas, fragmentos, incertidumbres**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2017.

1. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação- Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP, arina.nina@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação- Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP, patriciavhrocha@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduanda do curso de Letras e Literatura na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP, luisa.fanjos@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Profª Drª Programa de Pós-Graduação em Educação- Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP, anelatina@gmail.com [↑](#footnote-ref-4)